

Editorial

Entramos em 2021 e a pauta de todos os dias nesse ano que, ao menos no Brasil, se assemelha à uma versão piorada de 2020, é vacina. A vacina que chega ao mundo, mas misteriosamente não chega ao Brasil e quando chega vêm à conta gotas, incapaz de saciar a necessidade da nossa já tão massacrada população.

Viver no Brasil durante a pandemia de Covid-19 vem se mostrando um verdadeiro ato de sobrevivência. Sobreviver à irresponsável condução do governo desde o início da pandemia. Sobreviver à inépcia de políticas de saúde pública adequadas ao combate da doença. Sobreviver à desinformação e notícias falsas, que confundem a população quanto aos protocolos mais básicos. Sobreviver à delonga do auxílio emergencial e à falta políticas de alívio econômico básico aos assalariados e subsídios às pequenas empresas. Sobreviver à dor de perder parentes e amigos. Sobreviver ao desespero de ver as contas se avolumarem, de ver os preços dos itens mais básicos de alimentação subirem aos céus. Sobreviver a um governo que ignora propostas de venda de vacina, mesmo após 101 tentativas da farmacêutica Pfizer. Um governo que atravanca a aprovação de uso emergencial de outras vacinas e não satisfeito cria constantes entraves diplomáticos que comprometem a chegada dos insumos para a produção nacional de imunizantes. Sobreviver a um governo que, em meio ao maior desafio sanitário mundial dos últimos 100 anos, opta por não fazer uma campanha de vacinação.

Definitivamente, estar vivo hoje no Brasil é ser um sobrevivente não apenas de uma pandemia aterradora, mas do governo Bolsonaro. Daria ainda um destaque especial aos moradores do Rio de Janeiro que, somado à tudo isso, conseguiram sobreviver à gestão desoladora do governador impeachmentado Wilson Witzel, acusado de superfaturamento na compra de respiradores, desvio de dinheiro, demora na construção dos hospitais de campanha, irregularidades na contratação da empresa IABAS (OS) e inconsistências nas contas apresentadas ao Tribunal de Contas do Estado¹.

¹ Entenda o processo de impeachment que resultou na cassação de Wilson Witzel. CNN Brasil. 30 de abril de 2021. <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/05/01/entenda-o-processo-de-impeachment-que-resultou-na-cassacao-de-wilson-witzel>>.

Diante do caos instalado, o Senado finalmente aprovou em abril a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar a omissão do governo na condução da pandemia, revelando no correr dos depoimentos diversas irregularidades principalmente nas negociações de compra de vacinas. Foram investigadas à delonga da aprovação emergencial e compra de vacinas, especialmente a CoronaVac, sob a alegação de que o imunizante não teria sido aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), e o silêncio quanto à inúmeras propostas de venda da vacina da Pfizer, iniciadas em agosto de 2020, mas sumariamente ignoradas até o primeiro trimestre de 2021. Escândalos vêm se sucedendo, levando à denúncias de um largo esquema de corrupção na compra superfaturada da vacina indiana Covaxin. O esquema investigado envolve o próprio presidente Bolsonaro; o líder do governo na Câmara, Ricardo Barros; o deputado federal Luis Cláudio Miranda seu irmão, o servidor Luis Ricardo Miranda; o empresário Francisco Maximiniano, sócio-administrador da Precisa Medicamentos, empresa responsável pela intermediação da compra da vacina no Brasil; o então ministro da Saúde Eduardo Pazuello e mais dois militares auxiliares de Pazuello no ministério da saúde².

Passados seis meses do nosso letárgico e atropelado processo de vacinação, estamos longe de ver a pandemia de Covid-19 superada. Apesar do desmonte permanente, o Sistema Único de Saúde (SUS) vem se mostrando capaz de realizar a façanha da vacinação em massa em todo o país, incluindo a fabricação dos imunizantes realizado pela Fiocruz e pelo instituto paulista, o Butantan, ambas instituições de pesquisa científica públicas.

No correr da pandemia perdemos pessoas queridas, parentes, amigos, colegas de trabalho, ícones da cultura e artistas admirados. Foram muitos ceifados pelo vírus, ceifados pela corrupção e por um governo genocida, ceifados pela roda massacrante do Capital que obrigou milhares de trabalhadores se aglomerarem em transportes públicos lotados, em ambientes de trabalho fechados, em casas de patrões incapazes de viver sem seus empregados. E nesse processo perdemos um pouco de nós também. Quantos não naturalizaram o discurso desumano da pandemia só matar “velhos” e “doentes”, como se estes não tivessem mais direito à vida, como se suas vidas fossem descartáveis? Quantos, mesmo com o privilégio do *home office*, não optaram por ignorar recomendações expressas de cientistas para não aglomerar e saem aos bares, à festas, de férias como se “num passe de álcool-gel” toda pandemia se desmanchasse no ar? A segunda onda vem se abatendo sobre os mais jovens; levou Paulo Gustavo (42 anos) e Luciano Szafir (52 anos) permanece entubado em estado grave em sua segunda infecção de Covid-19. Em janeiro o professor e membro fundador do NIEP-Marx,

² CPI da Covid: quem é quem no escândalo da Covaxin. BBC News Brasil. 29 de junho 2021. <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57647163>>.

Mario Duayer também teve sua vida prematuramente interrompida. Essas mortes não são apenas do vírus, não são frutos do acaso, mas são consequências deliberadas de um projeto genocida em curso no país.

Mas nada parece abalar o ritmo inabalável da balada nem decisões baseadas em um individualismo irracional travestido de livre-arbítrio para não se vacinar. A lógica do mercado compromete o avanço da vacinação e todo o entendimento de vacina como pacto coletivo, ao criar, ainda que indiretamente, certa hierarquia entre vacinas, estimulando comportamentos sociais competitivos, rechaçando determinadas vacinas e, conseqüentemente, alongando o calendário de vacinação e a segurança de todos nós. Efeitos da nefasta necropolítica que vem avançando pelo mundo, mas que encontrou no Brasil de Bolsonaro, especialmente durante a pandemia, terreno fértil para aprofundar a barbárie e retirar de nós a empatia, o cuidado e a solidariedade até mesmo por aqueles que nos permitiram estar nesse mundo.

Todavia, o pulso ainda pulsa e quando governos se mostram mais perigosos que o vírus a indignação toma às ruas, demonstrando a força da mobilização popular e a vitalidade da resistência. Vimos isso nos intensos protestos contra o assassinato brutal de George Floyd, reascendendo a discussão sobre segurança pública nos EUA, a crítica à violência policial e a extrema desigualdade à qual a população afro-americana está submetida, intensificada durante a pandemia. Seu algoz, o policial branco Derek Chauvin, foi julgado e condenado a vinte e dois anos de prisão. Na Colômbia, pressões sociais explodiram na forma de intensos protestos e bloqueios de estradas contra a reforma tributária, que já se desdobraram em demandas por educação e saúde, além de denúncias de uso abusivo de força pela polícia. No Chile, após intensos protestos, a população conquistou o direito de elaborar uma nova constituição. A Assembleia Constituinte possui uma configuração inédita e histórica, sendo composta em paridade de gênero, possuindo representantes das etnias indígenas e será liderada por Elisa Locón, uma deputada constituinte mapuche³. No Brasil, temos visto ao longo desse ano e meio o fortalecimento de ações de solidariedade ativa, iniciativas fundamentais para atender necessidades básicas de pessoas em condição de extrema vulnerabilidade, setor que cresceu sensivelmente durante a pandemia. O projeto cozinha solidária do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), campanhas de entrega de cestas básicas organizadas por partidos, sindicatos e associações de moradores e campanhas de conscientização sanitária garantiram a sobrevivência de muitos brasileiros. O cenário drástico vivenciado no país estimulou o surgimento de formas inovadoras de resistência à precarização como o breque dos aplicativos (apps), protagonizado pelos entregadores, além de dar

³ <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-07-04/chile-inicia-um-novo-ciclo-e-comeca-a-redigir-a-constituicao-que-substituir-a-de-pinochet.html>>.

novo alento à retomada das ruas por partidos e movimentos sociais da esquerda. Atos “Fora Bolsonaro” encheram grandes avenidas de diversas cidades do Brasil nos dias 29 maio, 19 junho e 3 julho, criticando a condução do governo na pandemia e pressionando pelo *impeachment* do presidente.

Foi nesse contexto que elaboramos esse número da revista que reflete um pouco a resistência dos autores, revisores e editores em continuar o pensamento crítico, os projetos de pesquisa como fundamentais para a reflexão das formas de opressão e superação do capitalismo contemporâneo. Cabe ainda lembrar que o NIEP-Marx realizará, de forma virtual, entre os dias 17 a 19 e 24 a 26 de agosto, o Colóquio Internacional Marx e o Marxismo 2021 “o futuro exterminado? Crise ecológica e reação anticapitalista”. O evento contará em sua programação dezoito mesas temáticas, minicursos e plenárias abordando a crise ecológica e climática, saúde pública e possíveis reações anticapitalistas. Nosso mais sincero e grato agradecimento a todos que nos ajudaram na revisão dos artigos, traduções e demais arranjos fundamentais para manter a revista de pé.

Esta edição traz uma seleção de artigos de cunho teórico e empírico na área do marxismo, saúde, agronegócio, além de homenagem ao querido professor Duayer.

Iniciamos o número com o artigo “Marx construindo o marxismo: notas acerca de *Sobre a questão judaica*”, do professor Felipe Demier, no qual o autor traz a importância de analisarmos o conjunto de toda obra de Marx, da juventude a maturidade, para a apreensão da construção do método do materialismo histórico, com ênfase na brochura publicada nos Anais Franco-Prussianos, onde Karl Marx avança em sua crítica ao despótico estado prussiano, consolidando fundamentais caminhos analíticos da crítica a conformação da igualdade formal jurídica burguesa e para a superação da emancipação política.

Nosso próximo artigo “Nicos Poulantzas e o conceito de Estado capitalista na obra *Fascismo e Ditadura: notas críticas*” de autoria de Danilo Martuscelli traz uma análise sobre as transformações do conceito de Estado capitalista em Poulantzas, observado entre as reflexões desenvolvidas em *Poder político e classes sociais; Fascismo e Ditadura; e O Estado, o poder, o socialismo*. Ao ampliar o olhar sobre o Estado, primeiramente integrando os aparelhos ideológicos e posteriormente uma concepção relacional, Poulantzas percebe o Estado para além de uma estrutura político-jurídica dotada de caráter repressivo, compreendendo uma dimensão pedagógico-cultural, portanto ideológica e aberta à disputa política. Segundo Martuscelli, esse movimento vem comprometer o entendimento do Estado como estrutura de poder institucionalizado, subtraindo, por conseguinte, o papel da dimensão jurídico-político na organização do Capital.

Já no artigo de Fabio Scolari, “Uma crítica do conceito de sociedade pós-industrial”, o debate concentra-se na inconsistência na noção de sociedade pós-industrial. Recorrendo aos escritos de Marx, Scolari sustenta a tese de que a

reengenharia do capitalismo, sua transnacionalidade aprofundou a precarização do trabalho e deslocou a exploração do trabalho no globo, aumentando as formas de exploração do trabalho e do trabalhador, mesmo diante de progressos tecnológicos substanciais. Assim, independente do otimismo advindo dos autores da sociedade pós-industrial de um horizonte de saída pela tecnologia da exploração do trabalho, a realidade escancara que as bases do capitalismo, principalmente a exploração do trabalho, estão mais presentes do que nunca.

O artigo “Autocracia burguesa e bolsonarismo: um ensaio” apresenta uma reflexão inicial de múltiplos autores sobre o fortalecimento do autoritarismo, medidas repressivas e ataques à políticas sociais à luz dos estudos de Florestan Fernandes e Otávio Ianni sobre a formação social brasileira. Os autores do ensaio dirigem sua atenção para o fenômeno do bolsonarismo entendendo-o como manifestação explícita e reforçada do caráter autocrático da democracia burguesa no Brasil, em consonância com o histórico da organização do capitalismo dependente no Brasil, apresentando todavia traços mais sofisticados e profundos.

O artigo de María Dolores Lidaut e Afonso Henrique Fernandes intitulado “Agronegocios y nuevas lógicas de representación empresarial en el Cono Sur. Un estudio exploratorio sobre ABAG (Brasil) y AAPRESID (Argentina)” apresenta uma comparação entre as duas principais entidades do agronegócio na América Latina, suas origens e pautas. O surgimento das associações está inserido em um fenômeno global de mudanças na produção capitalista, principalmente relacionados aos novos paradigmas da produção agropecuária pós 1990 no continente. Dessa forma, os autores realizam uma importante contribuição para o debate sobre as novas formas de exploração do capitalismo e de dominação das frações burguesas latinoamericanas, sem perder de vistas as especificidades do contexto agrário argentino e brasileiro.

Leonardo Canut, Jonas Sona de Miranda Pires e Áquilas Mendes apresentam, por meio de uma apreensão crítica marxista, um importante ensaio acerca das diferenças entre “Economia da Saúde” e “Economia Política da Saúde”. O texto “Economia e saúde: aproximações para uma abordagem da economia política crítica marxista” apresenta uma abordagem fundamental com vistas à garantia da fundamentação teórica do campo da saúde alicerçado pelas bases analíticas da crítica da economia política. Tendo em vista que o processo saúde-doença, ou seja, os níveis de saúde da população e a prestação dos serviços sociais públicos de saúde devem ser sempre analisados conectados pelos determinantes sócio-históricos da sociedade burguesa. A abordagem dos autores traz elementos fundamentais para a defesa do direito à saúde e do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil.

O último artigo, de autoria de Natan Oliveira, mistura a narrativa de um relato pessoal dos encontros do autor com o “os Mários” e um panorama sobre o pensamento e a obra do professor e um dos fundadores do NIEP-Marx Mario

Duayer, vítima prematura do covid-19 em janeiro de 2021. O autor evidencia de maneira brilhante o impacto do pensamento crítico de Duayer no debate da filosofia da ciência, ontologia e emancipação humana. Sem dúvida, a obra de Mario Duayer é uma das inúmeras formas de resgate...

Nossa seção “notas críticas” é aberta com a valorosa contribuição de Victor Neves e Annabelle Bonnet resenhando o livro “O capitalismo em crise” de Paulo Nakatani e Rosa Marques. A resenha nos convida à leitura de um livro que sintetiza de forma acessível ao leitor médio reflexões e análises de aproximadamente 40 anos sobre o capitalismo contemporâneo e suas crises. Em suas análises, os autores reforçam o papel central do capital portador de juros e do capital fictício na dinâmica da acumulação e na reprodução da economia capitalista contemporânea, bem como na definição do caráter de suas crises, assumindo uma roupagem financeira, escondendo seu conteúdo social.

Seguimos ainda com uma segunda resenha de Carolina Alvim de Oliveira Freitas do livro de Jorge Grespan, “Marx e a crítica do modo de representação capitalista”. Fruto da tese de livre docência do autor, o livro se debruça sobre o O Capital para discutir o método de Marx, revelando a forma dialética como Marx expõe o movimento contraditório da produção e distribuição do valor no capitalismo a partir da contradição inerente entre a apresentação do valor criado pelo trabalho e a forma como esta é representada pelo preço monetário.

Fechamos com “Luta e memória”, que nesse número traz o texto do professor Victor Hugo Klagsbrunn com a memória e homenagem a um dos mais importantes fundadores do Niep-Marx e um dos maiores intérpretes da obra marxiana e da tradição marxista no Brasil, Mario Duayer. O texto traz a importância da contribuição do professor Mario na difusão do pensamento marxiano e marxista, principalmente no que se refere ao método da teoria social de Marx. Victor, de forma descontraída, lembra-se do primeiro Encontro Nacional de Economia Clássica e Política, organizado pelo autor e pelo saudoso Mario Duayer, no qual foi criada a Sociedade de Economia Política (SEPO) e também recorda-se de momentos de amizade e parceria. Memória de um grande intelectual mas também um incrível camarada que inspira nossa luta.